

MARX Y LA PEDAGOGÍA MODERNA (M. A. MANACORDA): RESENHA CRÍTICA

Guacira Lopes Louro*

RESUMO

O artigo é uma resenha do livro *Marx y la Pedagogia Moderna* de M.A. Manacorda, onde o autor discute a existência e as características de uma pedagogia marxiana (inerente ao pensamento de Marx) e a compara com outras pedagogias.

Os trabalhos de Mario Alighiero Manacorda que analisam o pensamento pedagógico marxista (*Marx e la pedagogia moderna*, 1966 e *Il principio educativo in Gramsci*, 1970) têm, ainda, divulgação pouco ampliada nos meios educacionais brasileiros. São, contudo, textos importantes pois reúnem e analisam as idéias pedagógicas que tanto Marx como Gramsci apresentaram de forma menos sistemática (mais dispersa) em suas obras.

O que aqui resumimos refere-se à tradução espanhola de “*Marx y la pedagogia moderna*» (Barcelona, Oikos-Tau, 1969) e neste texto o autor coloca como objetivo discutir a existência e características de uma pedagogia «marxiana» (inerente ao pensamento de Marx), isso entendido como distinto de uma pedagogia de tradição marxista como vem se configurando nos países socialistas e da qual ele não pretende tratar.

Em seu prefácio, Manacorda demonstra que a escola é uma superestrutura não só porque se constrói sobre a estrutura econômica da sociedade, mas também porque ela foi concebida historicamente como «inessencial», ou seja, como algo desligado inicialmente da produção e destinado apenas a um setor social. Isso explicaria porque a escola tem a tendência a ficar alheia ao mundo da produção e se manter tão pouco relacionada com a sociedade que lhe é contemporânea, mas o trabalho que se segue, longe de se inserir numa linha de terminar com a escola, pretende, ao reviver as idéias pedagógicas de Marx, falar da “morte desta escola”

* Mestre em Educação, UFRGS; Professora do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS; Doutoranda em Educação.

— alienada da sociedade.

O livro é dividido em duas partes: na primeira, trata da pedagogia marxiana e, na segunda, essa frente a outras pedagogias. Há ainda um apêndice, onde o autor discute com leitores e críticos de Marx.

A primeira parte, que nos parece o núcleo fundamental do texto, realça imediatamente a relação ensino-trabalho. Para Marx, essa é uma relação imprescindível. Percebeu ele que a sociedade capitalista levou ao extremo a divisão de trabalho, ocasionando, com isso, a divisão de classes e a divisão do próprio homem, encerrando cada um em sua própria «unilateralidade», em uma atividade única, específica, desligada das demais e alienada. Coloca-se, pois, como urgência a «recuperação da unidade da sociedade humana em seu complexo e da omnilateralidade do homem singular numa perspectiva que junte (...) fins individuais e fins sociais, homem e sociedade» (p. 24-5).

Assim Marx vê o ensino intrinsecamente ligado ao trabalho e concebe-o como um meio de favorecer a reconstrução do homem e sua capacidade de se libertar das cadeias da especialização e da unilateralidade. Por isso, ele entende ensino reunindo:

- a) ensino intelectual;
- b) educação física;
- c) adestramento tecnológico.

Mas aqui se faz necessário comentar que para Marx este adestramento tecnológico diferencia-se muito das escolas técnicas ou politécnicas idealizadas pela burguesia. O que ele pretende é «a transmissão dos fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e uso prático e manejo dos instrumentos de todos os ofícios» (p. 35).

O ensino tecnológico teria pois um caráter especial, pois reuniria teoria e prática, buscando, justamente, se opor à tradicional divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual; mas, por outro lado, ele não seria um substituto do ensino intelectual (como se configura em muitos sistemas de ensino, onde os dois caminhos de educação formal - para as classes dominantes e para as classe dominadas — são claramente distintos).

É ainda importante perceber que para Marx o trabalho não é visto meramente como um recurso didático, ou com finalidade moral, ele é mais do que isto. Supõe realmente a participação do aluno no processo produtivo, como trabalhador produtivo remunerado (com uma gradação de horário progressiva, de acordo com a idade da criança a partir dos 9 anos, e evidentemente de modo absolutamente diverso da exploração do trabalho infantil que era então corrente).

Para que melhor se entenda isso, é necessário que se considere o que Marx compreende por trabalho. Ele vê dois sentidos (um negativo e outro positivo). O sentido negativo se refere ao trabalho alienado, ligado à atual divisão de trabalho, que provoca uma separação entre os que produzem e os que usufruem. Portanto, quando Marx fala em supressão de trabalho, refere-se a esta sua forma atual.

Mas ele também fala do trabalho como atividade vital, como manifestação do próprio homem. Ai ele salienta que os homens distinguem-se dos animais por produzirem seus meios de subsistência, por criarem os meios para satisfazer suas necessidades e por criarem também novas necessidades. O homem é, pois, capaz de agir por sua vontade, conscientemente, e apreciar sua atividade.

É então fundamental compreender este duplo caráter do trabalho, para que se entenda o pensamento de Marx e também sua ênfase na relação ensino-trabalho.

Com isso, chegamos a um conceito nuclear na pedagogia marxiana: o homem omnilateral. Difícil de traduzir, em nossa linguagem corrente, esse significaria o homem na sua «totalidade de capacidade», salientando-se a «totalidade de capacidades de consumos e gozos, (...) sobretudo espirituais, além dos materiais, dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão de trabalho» (p. 90).

Marx acredita que todo homem tem uma totalidade de disponibilidades, mas que a divisão de trabalho, e a conseqüente divisão da sociedade, dividiram o homem, tornando-o unilateral (tanto o trabalho como o capitalista). E entre outros elementos, o ensino tem se mostrado também um causador da unilateralidade.

Como consequência pedagógica, portanto, buscar-se-ia a união das estruturas educativas e das estruturas produtivas, um ensino que integrasse teoria e prática, voltado para a compreensão da sociedade contemporânea e para a atuação consciente dentro dela. Isso é muito diferente da limitada concepção praticista de que se acostuma acusar a pedagogia marxiana.

O ensino deveria, então, desenvolver a capacidade de trabalhar com o cérebro e com as mãos e se limitar a disciplinas «não opinativas». (Marx faz uma distinção entre disciplinas opinativas, que permitiriam diferentes interpretações de partidos ou classes e as não opinativas). Para ele a escola deveria excluir qualquer tipo de propaganda.

Ainda que possamos questionar sobre essa classificação, parece ser razoável entendê-la no contexto histórico em que ele a concebeu, quando a economia política, apresentada como ciência, era fundamentalmente a ideologia burguesa inculcada a todos. Seu objetivo teria sido provavelmente evitar os riscos de uma sistemática inculcação ideológica.

Outro dado significativo, na sua concepção de escola, é que ele entende que o ensino pode ser estatal mas sem estar sob o controle do governo. O Estado deveria promulgar leis gerais para a escola, contribuir para a sua manutenção, mas não deveria ser o “educador” do povo (assim como não deveria ser a Igreja), no sentido de ditar o ensino propriamente dito. E isso ele supõe tanto numa sociedade capitalista como socialista.

Na segunda parte do livro, Manacorda inicialmente historiciza a escola, mostrando como em suas origens ela se destinava exclusivamente às classes possuidoras, recebendo as classes dominadas sua formação no contato direto com

os adultos, na instância do trabalho. A Revolução Industrial representa o momento de mudança, colocando a necessidade de expansão da escola para toda a população.

Comparando a pedagogia marxiana com outras (postmarxianas), o autor destaca as pseudo semelhanças e reais diferenças existentes entre o pensamento de Marx e o de Dewey ou Kerschensteiner. É fundamental observar aí que a prática a que se refere Marx não tem os mesmos objetivos individuais característicos do pragmatismo da escola ativa.

Mas é no pensamento pedagógico de Gramsci que Manacorda vai se estender mais na sua análise comparativa. Aí destaca importantes pontos de concordância, já que Gramsci foi um leitor atento de Marx. Como objetivo fundamental, também Gramsci volta-se à formação do homem omnilateral. Supõe que em cada pessoa estão todas as tendências e que a união ensino e trabalho é o caminho para o desenvolvimento harmonioso e integral do sujeito. (Embora Gramsci tenha uma visão do trabalho na escola diferente da proposta de Marx, ou seja, entendendo como um momento educativo dentro do processo de ensino, portanto não remunerado).

Outro ponto de contato é a concepção de que a consciência de cada um é reflexo da fração social a que pertence, de suas relações familiares e de trabalho, enfim é um dado histórico e não uma essência que exista a priori. A escola participa, então, nesta formação histórica do indivíduo através da coação.

Em Gramsci, acentua-se o caráter da educação como intervenção consciente, como “luta contra a natureza, contra os instintos ligados a funções biológicas elementares, contra a barbárie individualista e localista, contra as concepções mágicas e folclóricas” (p. 158-9). Nele, como em Marx, observamos uma escola exigente, preocupada com o rigor objetivo do ensino; há em ambos uma crítica à escola fácil, ao estudo como brinquedo.

Por outro lado, Gramsci se afasta das pedagogias libertárias, justamente porque essas consideram os indivíduos isoladamente. Coerente com o pensamento marxiano, ele supõe que o desenvolvimento de cada um deva estar unido com o desenvolvimento de todos, ou melhor, que se considere o desenvolvimento individual integrado ao desenvolvimento social.

Manacorda conclui demonstrando os méritos da leitura que Gramsci faz de Marx. Salienta que o autor italiano soube como poucos observar tanto os «motivos igualitários e ‘econômicos’», como os “motivos ‘humanistas’ de liberdade e cultura” que impulsionaram Marx, e soube também dar-lhes uma nova forma adequada ao novo momento histórico.

Com este tipo de análise, Manacorda provoca, então, nos educadores de hoje, o desafio de refletir sobre a pedagogia marxiana e gramsciana e de pensá-las criticamente em relação às atuais necessidades. Quais dos problemas levantados foram superados? Quais as novas questões que se colocam à educação? Em que medida, nestas idéias, ainda estaria a fonte de respostas?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MANACORDA, M. *Marx y la Pedagogia Moderna*. Barcelona, Oikos-Tau, 1969.

ABSTRACT

This is a summary of Manacorda's book — *Marx y la Pedagogia Moderna*, where the author discusses characteristics of a marxian pedagogy (from Marx's thinking), and compares this pedagogy with others.

(Recebido para publicação em 8.11.83)